

RESENHA

Bookreview

HUGO CHÁVEZ: DA ORIGEM SIMPLES AO IDEÁRIO DA REVOLUÇÃO PERMANENTE¹

*Anatolio Medeiros Arce*²

O livro do jornalista inglês Bart Jones foi publicado em um momento particular e não menos oportuno na administração de Hugo Chávez. A obra foi concebida em 2007, ano em que o presidente venezuelano havia sido derrotado em um referendun no qual continha propostas de alterações a Constituição do país³.

Esse livro foi escrito com uma narrativa jornalística, sem uma distinção rígida entre os acontecimentos na ordem cronológica, buscando desmistificar bem como desmentir algumas afirmações colocadas em outros livros-biográficos escritos sobre Hugo Chávez, a exemplo de ter se “desentendido” com sua mãe. Segundo a obra escrita por Mercano & Bezerra⁴, Chávez ficou dois anos sem falar a mesma. Todavia, na obra resenhada, Jones desmentiu essa versão através do relato de alguns familiares do presidente, a exemplo do irmão Adan Chávez e do próprio Hugo Chávez, embora ele tenha confirmado ter tido atritos com a mãe (JONES, 2008, p. 27).

Nos primeiros capítulos, o autor busca compreender como surgiu o que denominou de “furacão Chávez”. Aproveitando-se da maneira peculiar em que o líder

¹ JONES, Bart. Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da revolução permanente. Tradução: Rodrigo Castro. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008, p.516. ISBN: 978-85-99560-42-6. Título no original: Hugo! : the Hugo Chavez story from mud hut to perpetual revolution.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Grande Dourados -- UFGD. Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História. E-mail: anatolio.arce@r7.com.

³ Ver: MARINGONI, Gilberto. A revolução venezuelana. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.27-42.

⁴ Ver: MERCANO, Cristina & BEZERRA, Alberto. Hugo Chávez sem uniforme: uma história pessoal. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

da revolução bolivariana apareceu no cenário político da Venezuela, Jones explora o fato como uma consequência de sucessivos erros políticos cometidos pela elite dirigente que conduziu a Venezuela entre as décadas de 1960 e 1990. Segundo o autor, ela foi responsável por criar condições propícias ao então tenente-coronel Chávez tentar um golpe de Estado em fevereiro de 1992, lhe outorgando popularidade suficiente para se eleger presidente da República em 1998. A tentativa de golpe foi descrita pelo autor como um evento-chave, como na verdade o foi, porém procurou fugir da questão entre o legal ou ilegal, diferente ao que muitos autores fizeram e, na maioria dos casos, trataram como sendo algo atrelado à ilegalidade.

O golpe de Estado sofrido por Chávez em abril de 2002 é abordado por Bart Jones como o resultado de uma reação da antiga oligarquia dirigente, com o apoio dos Estados Unidos, as políticas consideradas controversas que alteraram a distribuição das rendas vindas da exploração petrolífera. Por outro lado, a volta do presidente ao poder após algumas horas em que foi deposto e substituído pelo empresário Pedro Carmona, é descrita como uma manifestação das massas que exigiram a volta de “seu líder”. A análise de Bart Jones reforça a tese de que o apoio popular foi a única sustentação de Chávez no poder, principalmente nos momentos mais complicados. Neste caso, a quantidade prevaleceu, embora durante os distúrbios de abril de 2002, Chávez tenha concordado em anular as demissões na PDVSA, motivo pelo qual a oposição havia justificado as passeatas pedindo a renúncia do presidente. Nesse sentido, a greve petroleira de 2003 também foi vislumbrada por Jones como uma iniciativa da elite e desprovida de apoio popular, chamando-a de “locaute da gerência” (JONES, 2008, p. 401).

No entanto, ao longo da obra Jones buscou enfatizar aspectos da vida pessoal do presidente da Venezuela e dos primeiros sete anos de sua administração, misturando com uma longa análise do cenário político venezuelano, ao demonstrar sê-la influenciada por acontecimentos no cenário internacional e na América Latina. Ademais, traços na personalidade de Chávez foram descritos pelo autor, principalmente o costume de trabalhar por longas horas e o ranço autoritário de sua personalidade que refletia nas decisões de seu governo, querendo demonstrar contínua vigilância, inclusive

ligando para emissoras de TV lhes informando estar assistindo a programação (JONES, 2008, p. 482).

A personalidade de Chávez foi descrita como vulnerável ao “paparico” de seus apoiadores, com ego fácil de ser alimentado com elogios (JONES, 2008, p. 185). Porém, o mais enfatizado pelo autor foi o carisma e a espontaneidade de Chávez. Episódios como nas várias viagens feitas à Ásia, o fato de cumprimentar cozinheiros, faxineiros e os guarda-costas dos chefes de Estado com quem se encontrava, são largamente descritos. Chávez gostava de chamar atenção e a melhor maneira encontrada por ele de atingir tais objetivos era quebrando protocolos diplomáticos, a exemplo do ocorrido no Japão quando abraçou o imperador Akihito (JONES, 2008, p. 262).

Por fim, o autor se ocupa de um ponto importante na análise da Venezuela durante o governo de Hugo Chávez: o socialismo do século XXI. Sem definir com precisão o que seria esse socialismo, Jones o situou como “algo que se colocava entre o “capitalismo selvagem” e o comunismo fracassado” (JONES, 2008, p. 464). Esse socialismo consistia em criticar o *status quo* do cenário internacional e a hegemonia dos países desenvolvidos (a exemplo dos Estados Unidos) na América Latina.

O escopo cronológico do livro termina no ano de 2007, por isso não analisa a gestão Chávez após essa data. Desta forma, em dois posfácios escritos em 2008 é possível vislumbrar uma mudança de tratamento por parte do autor. Há um abandono do discurso analítico e compreensivo e as críticas se tornaram mais nítidas e incisivas no sentido de rechaçar o crescente processo de concentração de poderes que Chávez tentava realizar naquele momento, principalmente as alterações constitucionais que ampliavam o mandato presidencial, proporcionavam mais poderes ao presidente da República e o permitiam se reeleger quantas vezes quisesse. Ante tais acontecimentos, Jones demonstrou antipatia e ceticismo, afirmando que a revolução bolivariana estivesse se transformando em algo “isolado” e desprovido de “saudáveis” debates internos (JONES, 2008, p. 507). A partir disso, os traços autoritários e egoístas na personalidade do presidente da Venezuela se sobressaíam aos demais.

O livro escrito por Bart Jones é um dos vários que foram publicados na forma de biografia ao longo dos anos em que Hugo Chávez governou a Venezuela, entre 1999 e

2013, com destaque aos livros escritos por Richard Gott, com relativo conhecimento do processo político na Venezuela⁵. Contudo, o interesse de autores em escrever sobre Chávez, um personagem histórico indiscutivelmente controverso, abre margem para pensar como ele e sua figura são representadas frente a jornalistas, escritores e acadêmicos. Isso independe se o autor em questão tem ou não simpatia por Chávez e por suas políticas implementadas na Venezuela. Tais questões podem se tornar mais visíveis nos trabalhos produzidos após a morte de Hugo Chávez e nesse sentido os desdobramentos na política da Venezuela e o tratamento que os “herdeiros” do regime relegarão a imagem do líder da Revolução Bolivariana tende a influenciar bastante nesse aspecto.

Resenha recebida dia 24 de março de 2013. Aprovado em 25 de maio de 2013.

⁵ Ver: GOTT, Richard. À SOMBRA DO LIBERTADOR: Hugo Chávez e a transformação da Venezuela. 1ª Edição. Tradução: Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Ou, GOTT, Richard. Hugo Chávez and the bolivarian revolution. London: New Left Books, 2005.